

UM PASSEIO, VIA TRADUÇÃO, PELOS ACERVOS MACHADIANOS

Eliane Fernanda Cunha Ferreira

A atividade tradutória exercida por Machado de Assis foi já sugerida, embora não elaborada em meu livro *Machado de Assis sob as luzes da ribalta* (1998), que focaliza a sua produção de textos dramáticos. No levantamento de dados realizado para a produção de “uma leitura irônico-semiótica do teatro de Machado de Assis”¹, verificou-se que o início de sua carreira literária traçou-se pela sua participação nas diversas áreas das artes cênicas, atuando também como censor do Conservatório Dramático Brasileiro e escrevendo críticas teatrais nos folhetins. Da trilogia “Idéias sobre teatro” de 1859 extraí a sua definição para o tradutor dramático comparado por ele a uma “entidade”: “espécie de criado de servir que passa de uma sala a outra os pratos de uma cozinha estranha. Ainda mais essa!”². Esta definição foi um dos pontos de partida para o levantamento da hipótese que norteou a minha tese³, a de que Machado teria desenvolvido uma teoria da tradução.

As primeiras referências que obtive sobre a tarefa tradutória machadiana *stricto sensu* foram-me fornecidas pelo Dr. Plínio Doyle por ocasião da minha participação em um dos *sabadoyles*. Daí, a minha gratidão a um dos mais importantes guardiões da cultura literária do país, aqui homenageado neste simpósio machadiano. Leitor de Machado de Assis, possuía obras raras do escritor, além de catalogar, no caso específico, todas as traduções que foram feitas da sua obra até 1988. Lembro-me que me sentei ao lado do Dr. Plínio e ele me pediu para contar-lhe sobre a minha pesquisa. Ficou entusiasmado e pediu ao seu secretário que trouxesse a relação das traduções. Conversamos por muito tempo. Passados uns meses, voltei ao Rio de Janeiro para

¹ Título da dissertação, que, em livro, intitula-se *Machado de Assis sob as luzes da ribalta* São Paulo: Cone Sul, 1998..

² MACHADO DE ASSIS, J. M. *Crítica teatral*. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. p. 17.

³ Tese defendida em 2001 na UFMG, intitulada *Machado de Assis: teórico do traduzir, por subtração?*

continuar as pesquisas, quando fui à Casa de Rui Barbosa e consultei a listagem que ele havia me fornecido à época. Aproximadamente dois meses antes de seu falecimento, estive novamente na Casa de Rui para um simpósio quando encontrei-me com ele. Tiramos uma foto, juntamente com o bibliófilo, Carlos Eduardo Araújo, e meu marido, ambos aqui presentes, que, acredito, tenha sido, se não a última, pelo menos, uma das últimas fotos da sua existência terrena.

Continuando o meu passeio pelos acervos machadianos fluminenses, foi na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que encontrei um dos argumentos propostos na tese sobre a indiferença dos pesquisadores brasileiros machadianos e da historiografia literária em estudar o papel que as traduções exercem na formação dos escritores: o livro de José Arimatéia Pinto do Carmo sobre as traduções de Capistrano de Abreu (1953). Ele chama a atenção para a lacuna, na historiografia literária brasileira sobre a prática tradutória na carreira literária de Machado de Assis:

Os pesquisadores de nossa evolução cultural ainda não cogitaram de um estudo sobre a maneira como se conduziram vários de nossos grandes nomes, como tradutores. Seria proveitosa tal verificação porque ensejaria oportunidade para estudar-se tarefa a que se voltaram com carinho ontem: Norberto de Sousa Silva, Odorico Mendes, Ramiz Galvão, Rui Barbosa, Carlos de Laet, João Ribeiro, Machado de Assis, etc... hoje: Monteiro Lobato, Gustavo Barroso, José Oiticica, Sérgio Buarque de Holanda, Eugênio Gomes, Carlos Domingues, Raimundo Magalhães Júnior, além de outros. (...) É estranho, quanto a Rui e Machado, que os seus numerosos biógrafos, alguns minuciosos e competentes, não pesquisassem com maior carinho, e até mesmo omitissem, essa particularidade a que ambos se entregaram.⁴

Em um outro momento, o bibliófilo Carlos Eduardo Araújo, que acompanhou a minha pesquisa, propiciou-me acesso a um livro de Lêdo Ivo, no qual faz observações semelhantes à de José Arimatéia. Lêdo Ivo, ao comentar sobre a tradução do romance *Os trabalhadores do mar*, de

⁴ PINTO DO CARMO, José Arimatéia. **Capistrano de Abreu e as suas traduções**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1953. p. 10.

Victor Hugo, ressalta também a falta de interesse dos críticos e biógrafos de Machado de Assis por sua *práxis* tradutória:

As atividades de Machado de Assis como tradutor não têm sido esmiuçadas pelos seus críticos e biógrafos, que se agarram ao exemplo da tradução de “O Corvo”, de Edgar Allan Poe, contentando-se com esse episódio afortunado e fazendo apenas menções sumárias à parte quase total do ofício. Registra Lúcia Miguel Pereira que ele traduziu, entre 1860 e 1867, nada menos de sete peças teatrais, inclusive O Barbeiro de Sevilha, de Beaumarchais, e o romance Os Trabalhadores do Mar, de Victor Hugo. Não são, porém, estabelecidos os vínculos entre autor e tradutor, como se não tivesse havido entre ambos qualquer comunicação ou proveito⁵.

A ressalva quanto à falta de interesse pelo papel exercido pela tradução nas culturas em geral, apontada por Pinto do Carmo e Ledo Ivo, também é assim considerada pela teórica da tradução, Susan-Bassnett:

Note-se que, embora a tradução pareça ter exercido um papel importante no desenvolvimento de culturas nacionais, este fato foi quase ignorado por historiadores culturais, e não há absolutamente nenhuma pesquisa sobre a função da literatura traduzida dentro do sistema literário. A Renascença, por exemplo, tem sido geralmente vista como um período de atividade intensa de tradução, embora qualquer levantamento sistemático do que foi traduzido, por que, por quem e como, não ocorreu. Em um ensaio escrito em 1976, Even-Zohar argumenta que certas condições determinam uma acentuada atividade tradutória em uma cultura. Ele identifica três casos principais: quando uma literatura está num estágio inicial de desenvolvimento; quando a literatura for periférica ou “fraca”, ou ambas; quando há momentos cruciais, crises ou vácuos literários em uma literatura.⁶

⁵ IVO, Lêdo. O mar e o pirilampo. In: ____ **Teoria e celebração**: ensaios. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p. 51-63. p. 51.

⁶ BASSNETT, Susan. **Comparative literature**: a critical introduction. Oxford: Blackwell, 1993. p. 151.

No original: Noted that although translation appeared to have played a major role in the development of national cultures, this fact was almost ignored by historians of culture, and there is no research at all on the function of translated literature within a literary system. The Renaissance, for example, has generally been perceived as a time of intensive translation activity, yet any systematic assessment of what was translated, why, by whom and how had not taken place. (...) In a paper written in 1976, Even-Zohar argues that certain conditions determine high translation activity in a culture. He identifies three major cases: when a literature is in an early stage of development; when a literature perceives itself to be peripheral or ‘weak’ or both; when there are turning points or crises or literary vacuums (in: BASSNETT, 1993: 142).

Compartilhando as percepções de Pinto do Carmo, Lêdo Ivo e Susan Basnett, esta tese analisa o envolvimento de Machado de Assis com a atividade tradutória, amplamente praticada no contexto cultural da Capital do Império, devido à predominância de um teatro importado, que propiciava a permanência da presença do tradutor dramático nos bastidores dos palcos fluminenses.

Status quo da pesquisa sobre Machado na área da tradução

A partir do levantamento feito durante as pesquisas, verificou-se a presença de alguns estudos sobre a tarefa tradutória exercida por Machado de Assis, desde o início até o fim de sua carreira literária. Na Academia Brasileira de Letras, por indicação do bibliotecário-chefe, Luiz de Souza, consultei a única cópia xerografada da tese complementar de Jean-Michel Massa sobre Machado de Assis, tradutor.

Jean-Michel Massa, valendo-se das fontes para o estudo de Machado de Assis e da bibliografia levantada por Galante de Sousa, é o pioneiro em trabalhar com a tarefa tradutória *stricto sensu* exercida pelo escritor oitocentista. Sendo um pesquisador da produção juvenil de Machado, a tradução não poderia deixar, de fato, de integrar seus estudos. O que me causou um certo estranhamento foi constatar que a tese complementar, apresentada para a obtenção do título de doutor em Letras pela Faculté des Lettres de Poitiers, intitulada *Machado de Assis traducteur*, em 1970, não tenha sido traduzida para o português, tendo em vista o ineditismo do assunto abordado. Como ignorar essa atividade tradutória exercida por Machado, que traduziu, de acordo com Massa (1970:11), 45 textos de variados gêneros literários? Desse número, pelo menos dezesseis são traduções de textos dramáticos de Beaumarchais, Musset, Dumas Fils, V. Sardou, dentre outros, além do romance de Victor Hugo, *Os trabalhadores do mar*. Há fragmentos de *Oliver*

Twist, de Charles Dickens, óperas, contos e poesias, em sua maioria pertencentes ao cânone ocidental, tais como Shakespeare, Dante, La Fontaine, Lamartine, Chateaubriand e Poe, além de ensaios.

Acrescentei, de acordo com o entendimento “pós-moderno” do conceito de tradução, como a recriação, por exemplo, a chamada “imitação” do poema “On receipt of my mother’s picture”, de William Cowper (1790). A tradução do poema “Souvenirs d’Exil”, de Charles Ribeyrolles (1859) e a do verso “I can not give what men call love” de Shelley (1821), que está no último romance de Machado de Assis – *Memorial de Aires* (1908)⁷ também foram acrescentadas à relação feita por Massa.

Diante de um número considerável de traduções, quarenta e oito, e uma “fase” significativa em que exerceu essa atividade – toda a sua carreira literária - (52 anos), torna também relevante reexaminar a composição dessa faceta machadiana em uma perspectiva diferente da de Massa, tendo em vista que sua tese foi escrita em 1970, época em que as reflexões sobre o traduzir reduziam-se sobretudo às análises lingüísticas estruturais. Massa, na introdução de sua tese, diz ter um projeto de escrever sobre as influências estrangeiras na obra de Machado de Assis, tendo como ponto de partida os materiais recebidos pelo escritor e a criação ou recriação que emolduraram “uma inteligência e uma sensibilidade brasileira”. Mas como este projeto demandaria uma pesquisa mais ampla, que já teria sido esboçada na biografia intelectual de Machado (traduzida para o português em 1971), ele escreveu o Machado de Assis tradutor (1970) como uma primeira etapa de um trabalho mais vasto sobre as *Orientations étrangères dans l’oeuvre de Machado de Assis*.

A tese complementar sobre o Machado de Assis tradutor foi escrita, como Massa declara, por uma razão prática, ou seja, por ser um terreno mais acessível, ressaltando que as

⁷ A relação das traduções feitas por Machado está no Anexo 1 desta tese.

edições sobre a obra de Machado de Assis deixam muito a desejar principalmente com relação às traduções⁸ (1970: 3-8). Em 1963, Massa já havia publicado um artigo sobre Machado de Assis tradutor, que apresentou em um congresso realizado em Portugal. Para Massa, esses são os motivos mais evidentes para aprofundar os estudos sobre a presença da tradução na carreira literária de Machado de Assis.

Nesses aspectos, nossos objetivos se assemelham, porém se diferenciam no tocante à busca de uma teoria sobre tradução *lato sensu* disseminada na obra de Machado de Assis. O estudioso francês conclui sua tese dizendo que Machado de Assis nos lembra que um tradutor “não pode se impedir de ser um escritor quando ele mesmo é um autor” e que “traduzir é servir, mas é também criar.”⁹ (1970: 113). Note-se que Massa, não se baseando em nenhuma teoria sobre tradução “pós-moderna”, a partir do próprio trabalho de Machado, pôde concluir que o tradutor é também um escritor/recriador. Essa questão que vem sendo discutida ao longo de três décadas encontrou na crítica pós-estruturalista e nos Estudos da Tradução uma reflexão. A partir do ponto final de sua tese complementar, iniciei minha trilha, que, por caminhos diferentes, mudou o ponto de chegada. Ressalto que esse estudo de Massa não foi retomado, até onde pude verificar, por nenhum crítico brasileiro.¹⁰ John Gledson, em seu *Machado de Assis e confrades de versos*, utilizou esse estudo de Massa como fonte para rastrear os originais das poesias canônicas traduzidas por Machado de Assis. Gledson publicou pela primeira vez os poemas de Lamartine a La Fontaine traduzidos por Machado com os originais para que se avaliasse a “perícia do

⁸ MASSA, Jean-Michel. **Machado de Assis: traducteur**. Paris, 1970. 116 f. Tese complementar (Doutorado em Letras) - Faculté des Lettres de Poitiers, Paris. p. 7-8.

⁹ Idem, p. 113.

¹⁰ Se algum pesquisador tiver mais informações, solicito colaborações: elianefcferreira@aol.com

tradutor,”¹¹ além de tecer uma história em torno dessas traduções que são, para ele, “um aspecto menor de um aspecto menor” da obra do escritor brasileiro.

Maria Augusta H. W. Ribeiro¹² (1989), em sua tese de doutorado sobre o teatro de Machado de Assis, elabora um percurso da tarefa tradutória do escritor, por meio das referências de Galante de Sousa e dos estudos de Jean-Michel Massa, excetuando a tese complementar sobre o tradutor, chegando a analisar, em anexo, a tradução feita por Machado da peça *Chasse au Lion*, de MM Gustave Vattier e Emile de Najac, traduzida como *Hoje avental, amanhã luva*.

Nesse estudo, Ribeiro analisa, tradicionalmente, a chamada “imitação” do francês, feita por Machado, ao privilegiar o original e a dicotomia de superioridade e inferioridade, além de ressaltar os erros de inadequação de linguagem e de não considerar como ponto positivo as transformações realizadas pelo tradutor, apesar de sugerir algumas idéias de suplemento, sem se referir a Derrida. Aliás, em nenhum momento ela especificou uma teoria sobre tradução, usando apenas os jargões de adaptação, réplica, imitação e original. Sua análise não faz jus à complexidade da contribuição de Machado de Assis para uma concepção da tradução enquanto um signo que contribui para uma história cultural do século XIX. No entanto, sua tese fornece dados e diretrizes para o desenvolvimento de estudos sobre tradução *stricto sensu* e mais especificamente sobre a atuação de Machado de Assis nesse campo.

Mário Curvello¹³, sem direcionar o seu ensaio “Falsete à poesia de Machado de Assis” (1982) para a especificidade tradutória de Machado de Assis, contribui enormemente para a reflexão atual sobre o traduzir na medida em que elabora seu conceito de “estratégia de

¹¹ GLEDSON, John. **Machado de Assis e confrades de versos**. São Paulo: Minden, 1998. p. 7.

¹² RIBEIRO, Maria Augusta H. W. **Machado de Assis, um teatro de figuras controversas**. São Paulo, 1989, 385 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.

¹³ CURVELLO, Mario. Falsete à poesia de Machado de Assis. In: BOSI, Alfredo et al. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982.

apropriação”. Essa *estratégia* consiste na apropriação do alheio, entendendo-se por *alheio*, como Curvello explicita, não apenas uma posse de um texto de outro, mas do próprio Machado, cuja apropriação se deu em contexto diferente, ou assim sugere, da produção original¹⁴. Quanto ao termo *apropriação*, além de no significado de *tomar para si*, *apossar-se*, empregou-o também como *adaptar*, como por exemplo, traduções, paródias, paráfrases, montagens, utilização de fragmentos, etc., são formas de apropriação do alheio.¹⁵

Sérgio Prado Bellei¹⁶, em 1992, retoma esse conceito de “estratégia de apropriação” de Curvello como ponto de partida para elaborar sua teoria da tradução tendo como base a obra poética machadiana – *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Americanas* (1875) e *Ocidentais* (1901) e também ao comparar a tradução de Machado do poema “O Corvo”, de Edgar Allan Poe, com a de Fernando Pessoa, apontando as deficiências do tradutor brasileiro.

Para Bellei, tanto Massa quanto Curvello perdem a oportunidade de esgotar o problema da tradução de forma sistemática na poesia de Machado ao tratarem-no de forma acidental (BELLEI, 1992: 59). Sua teoria é a de que “o ato de traduzir começa a constituir-se como a própria essência da criação e como instrumento indispensável para o poeta da periferia na medida em que lhe permite retirar do conceito de cópia o estigma de negatividade e a ele atribuir a marca positiva da originalidade (BELLEI, 1992: 60).

Porém, o *corpus* usado por Bellei não contempla as inúmeras abordagens sobre a tarefa tradutória realizada por Machado de Assis nos jornais e nos prefácios em que apresenta novos poetas, por exemplo, e nem nos textos de crítica teatral escritos por Machado, pois não é seu objetivo. É importante ressaltar que as suas conclusões são significativas por contribuírem para a

¹⁴ Idem, p. 487.

¹⁵ Ver, BOSI (et al.), *Machado de Assis*, 1982, nota de rodapé da página 487.

¹⁶ BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **Nacionalidade e literatura**: os caminhos da alteridade. Florianópolis: Editora DAUFSC, 1992.

problematização dos conceitos tradicionais da tradução, tais como tradução e traição, origem e imitação, e por caracterizarem a atividade tradutória de Machado de Assis como uma “estratégia de apropriação”, baseando-se no conceito formulado por Mario Curvello (1982: 477-496). De acordo com Sérgio Bellei, esse tipo de estratégia mantém “um equilíbrio entre começo e origem” e “é na atividade de apropriação, afinal de contas, que o escritor [Machado de Assis] consegue tornar-se um homem de seu tempo e de seu país” (1992: 89) e “traduzir significa sempre realizar a fusão de dois conceitos opostos que se cancelam e que, paradoxalmente, se completam” (BELLEI, 1992: 60). Ambos, Bellei e Curvello basearam-se n’ *A juventude de Machado de Assis*, de Massa (1971) e não no *Machado de Assis traducteur* (1970).

Lia Wyler¹⁷, em sua dissertação de mestrado, contribui com o fornecimento de dados sobre a tradução no Brasil do século XVI ao século XX. Considera o Oitocentos como “o século da tradução” devido à “transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro que significou a promoção indireta de meios e estímulos para a tradução escrita começar a se desenvolver no Brasil” através da criação da Imprensa Régia. Ressalta o número excessivo de teatros no Rio de Janeiro como um dos fatores que incentivavam a presença do tradutor mencionando a participação de Machado de Assis. Sua pesquisa contribui sobretudo como fonte de dados sobre a história da tradução no século XIX. Embora levante a questão importante do papel da tradução no cenário cultural do Segundo Império Brasileiro, Wyler não a elabora de forma mais sistemática.

Adriana Pagano¹⁸ se apóia em Bellei, especificamente com relação a Machado, para desenvolver um item de um capítulo de sua tese de doutorado (1996), na qual apresenta um

¹⁷ WYLER, Lia. **A tradução no Brasil**: ofício invisível de incorporar o outro. Rio de Janeiro, 1995. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. p. 58.

¹⁸ PAGANO, Adriana S. **Percursos críticos e tradutórios da nação**: Brasil e Argentina. Belo Horizonte, 1996. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). - Faculdade de Letras

panorama do contexto tradutório no século XIX no Brasil, à luz do conceito de nação, cotejando-o com o da Argentina. Ao referir-se à prática tradutória de Machado de Assis “como espaço de experimentação para sua própria criação” (1996: 242), afirmativa consensual a partir das reflexões de Jean-Michel Massa, Pagano afirma que a carreira literária do escritor começa com “diversas traduções dos românticos franceses e alemães”. Sua visão, por ser panorâmica e por não ter como objetivo uma apreciação da tarefa tradutória machadiana, não contempla a complexa questão da tradução na formação cultural do escritor brasileiro, que não se reduz apenas às suas traduções de poesias.

Com esse panorama teórico, evidencia-se a lacuna nos estudos machadianos e nas historiografias literária e tradutória sobre esse Machado de Assis, tradutor *lato sensu*, crítico e teórico do traduzir. Pela via da tradução, enveredei-me nos acervos machadianos para encontrar um Machado fora do centro, nebulosamente entranhado no bosque da pós-modernidade tradutória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASSNETT, Susan. **Comparative literature**: a critical introduction. Oxford: Blackwell, 1993.
- BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **Nacionalidade e literatura**: os caminhos da alteridade. Florianópolis: Editora DAUFSC, 1992.
- CURVELLO, Mario. Falsete à poesia de Machado de Assis. In: BOSI, Alfredo et al. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982.
- FERREIRA, Eliane F. Cunha. **Machado de Assis sob as luzes da ribalta**. São Paulo: Cone Sul, 1998
- _____. **Machado de Assis**: teórico do traduzir, por subtração? Belo Horizonte, 2001. 255f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- GLEDSOON, John. **Machado de Assis e confrades de versos**. São Paulo: Minden, 1998.

- IVO, Lêdo. O mar e o pirilampo. In: _____. **Teoria e celebração: ensaios**. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p. 51-63.
- MASSA, Jean-Michel. **Machado de Assis: traducteur**. Paris, 1970. 116 f. Tese complementar (Doutorado em Letras) - Faculté des Lettres de Poitiers, Paris.
- da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- PINTO DO CARMO, José Arimatéia. **Capistrano de Abreu e as suas traduções**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1953.
- RIBEIRO, Maria Augusta H. W. **Machado de Assis, um teatro de figuras controversas**. São Paulo, 1989, 385 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- WYLER, Lia. **A tradução no Brasil: ofício invisível de incorporar o outro**. Rio de Janeiro, 1995. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.